

O conceito de Bloco Construcional como ferramenta analítica nos estudos cognitivos da linguagem

Ricardo Yamashita SANTOS
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ricardo.yama@yahoo.com.br

Resumo: Existe uma tradição na Linguística Cognitiva de analisar, através das sentenças, as metáforas conceptuais que subjazem à linguagem. Este trabalho tem por objetivo elaborar um novo constructo teórico, no cerne da Linguística Cognitiva, que propõe uma análise da metáfora além do nível da sentença, através do Bloco Construcional (doravante, BC). A noção de BC se alicerça, portanto, em uma dimensão discursiva, que nos permite criar Padrões Discursivos, proposta em consonância com a Gramática de Construções Corporificada, que concebe o pareamento entre forma e sentido. O pólo da forma estaria associado às relações internas (definidas em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras), e o pólo do sentido, associado às relações externas (definido em termos das relações pelas quais um discurso está imbricado aos contextos sociais e comunicativos). Desse modo, acreditamos na relevância desse constructo teórico, uma vez que podemos realizar uma análise discursiva através das metáforas, pois elas são processamentos cognitivos fundamentais para a construção de sentido em nossa linguagem.

Palavras-chave: Metáfora. Bloco Construcional. Cognição. Linguagem. Cultura.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo trazer para o cerne dos estudos cognitivos da metáfora uma nova ferramenta analítica. Através de resultados obtidos em nossa dissertação de mestrado (SANTOS, 2011), pudemos constatar a metáfora como um construtor discursivo, que opera gradativamente de acordo com a construção do discurso.

A metáfora, desde a década de 70 do século anterior, deixou de ser entendida como um elemento apenas de retórica para ser entendida como um complexo processamento cognitivo. A tradição aristotélica sobre a compreensão da metáfora como sendo um desvio da linguagem se dissolveu, principalmente, após a publicação da obra de Lakoff e Johnson, *Metaphors we live by*, em 1980. Desde então, os estudos da metáfora têm acompanhado os significativos avanços advindos das ciências cognitivas, uma associação entre diversas áreas de conhecimento como neurociências, linguística cognitiva, filosofia da mente, ciências computacionais etc. Através dessas pesquisas, uma afirmativa parece ser inquestionável: a metáfora é um fenômeno cognitivo, conceptual, experiencial e social (LAKOFF, 1987, 1990; LAKOFF; JOHNSON, 1999; LAKOFF; TURNER, 1987; GRADY, 1997; KÖVECSSES, 2000, 2005; GIBBS, 2005).

Os estudos que realizamos em nossa dissertação de mestrado, no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, possibilitaram-nos realizar uma análise introspectiva de como os processos cognitivos são construídos através de determinadas dimensões do discurso. Essas dimensões do discurso foram nomeadas de Bloco Construcional (BC). Durante este artigo, faremos uma rápida explanação sobre algumas vertentes atuais sobre os estudos da metáfora, além de uma análise envolvendo BC realizada em nossa dissertação de mestrado (SANTOS, 2011). Com isso,

pretendemos evidenciar que a metáfora, além de um processamento cognitivo, é um alicerce que nos auxilia a tecer o discurso gradualmente, auxiliando na construção de sentido.

1. Estudos contemporâneos da metáfora

As evidências de que a metáfora é um complexo processamento cognitivo advém de diversas pesquisas. Dentre eles, os estudos que envolvem metáfora e cultura (LAKOFF, 1987; KÖVECSES, 2005; LAKOFF; TURNER, 1989) nos evidenciam que a relação existente entre o modo como conceptualizamos o mundo é dependente de nossas experiências sensório-motoras e perceptivas associadas a contextos culturais específicos. Essas pesquisas foram fundamentais para compreendermos que a metáfora é o resultado dessa complexa imbricação, ocasionando construções metafóricas distintas entre as culturas.

Kövecses (2005), baseado principalmente nos estudos de Lakoff (1987) e Grady (1997), diz existir uma distinção entre metáforas primárias e metáforas congruentes. A primeira é o resultado da relação entre esquemas imagéticos, ou seja, nossas experiências corpóreas, e os limites do espaço e objetos ao nosso entorno. A segunda diz respeito à relação que existe entre nossas experiências corpóreas e a cultura. Essa proposta teórica entre as metáforas será explicada no tópico da análise, porém, um aprofundamento maior pode ser encontrado em Lakoff (1987) e Santos (2011, 2011a).

De acordo com Kövecses (2005), as metáforas congruentes agregam as experiências socioculturais às estruturas das metáforas primárias. Kövecses analisa a metáfora primária PESSOA COM RAIVA É UM CONTÊINER COM PRESSÃO, como em “eu estou com tanto ódio que acho que irei explodir”.

Ele comprova a existência dessa metáfora em diversas culturas, como no Japão, na Hungria, Polônia, China etc. Essa condição da metáfora primária pode causar a impressão de que ela seja universal. Vejamos o mapeamento da metáfora primária:

PESSOA	—————	CONTÊINER
RAIVA	—————	CONTEÚDO
ESCALA	—————	FLUÍDO
PRESSÃO SUBJETIVA	—————	PRESSÃO INTERNA
AGITAÇÃO PSICOSSOMÁTICA	—————	AGITAÇÃO DO FLUÍDO
LIMITES DO SUJEITO	—————	LIMITES DO CONTÊINER
PERDA DE CONTROLE	—————	EXPLOSÃO

Conforme evidenciado no mapeamento acima, os dois domínios, PESSOA COM RAIVA e CONTÊINER, compartilham alguns atributos. Porém, se levarmos em consideração a localização da raiva no interior do corpo, veremos que esse entendimento é construído diferentemente pelas culturas. Por exemplo:

Japão: RAIVA ESTÁ NO ESTÔMAGO

Zulu: RAIVA ESTÁ NO CORAÇÃO

China: RAIVA ESTÁ VOANDO PELO CORPO (Como um fluido de gás)

Essas metáforas são congruentes por sofrerem a influência direta da cultura em questão. As metáforas primárias recebem contornos específicos quando analisadas socioculturalmente, causando variações metafóricas (KÖVECSES, 2005).

Os estudos de Gibbs (2005), por exemplo, evidenciam que, ao compreender textos, sejam eles compostos por linguagem figurada ou não, os leitores adotam uma perspectiva baseada em suas próprias experiências sensorio-perceptuais e motoras para realizar a compreensão. Gibbs utiliza dois exemplos (MacWHINNEY, 1998) *até onde a vista alcançava, pés de milho flexionavam-se como ondas espancadas com força pela cortina de chuva* (tradução de Duque, 2011), e *lançando olhares dissimulados, ele foi rastejando para dentro do coração da costureira* (tradução de Duque, 2011). Como vimos nos estudos anteriores sobre metáfora e cultura, a linguagem se constitui por meio da relação que envolve as experiências corpóreas, cognitivas e as aplicações linguísticas. Isso acontece também na compreensão de textos. No primeiro exemplo, embora seja perceptível a linguagem figurada, ou metafórica, acionamos esquemas sensorio-perceptuais, “até onde a vista alcançava”, “pés de milho flexionavam-se”, “ondas espancadas com força”, “lançando olhares dissimulados”, “ele foi rastejando para dentro do coração da costureira”.

Esses exemplos trazem experiências corpóreas de “alcançar”, “flexionar”, “espancar”, “lançar”, para objetos e coisas. Em “rastejar”, a experiência envolve ação de animal, cobra, transferida para homem. O fato de “entrar dentro do coração”, envolve esquemas imagéticos, ORIGEM/CAMINHO/META e CONTÊINER (LAKOFF, 1987), ou seja, existe um trajeto e um recipiente, o caminho para dentro do coração. As experiências básicas que realizamos sobre caminhar, entrar, sair, colocar algo em algum lugar etc. são transferidas abstratamente para outras experiências, em forma de *continuum*. Desse modo, a linguagem metafórica é compreendida.

Esses estudos, além de muitos outros já realizados, evidenciam a metáfora como alicerce discursivo. Em outras palavras, sem a metáfora dificilmente conseguiríamos dizer sobre o mundo, uma vez que nossa percepção é basilar para a nossa compreensão e nossa percepção deriva, sobretudo, de construções metafóricas.

2. A metáfora na formação de Blocos Construcionais

Como dito anteriormente, entendemos a metáfora como um alicerce discursivo. Ela auxilia na construção de nosso discurso tornando-o mais próximo de nossas experiências. Vejamos o exemplo a seguir, retirado do poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto:

— *Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*
(MELO NETO, 2000, p. 52-53)

Esse fragmento é composto por algumas metáforas. Inicialmente, encontramos a fala da personagem protagonista da ação falando que está “retirando” para algum lugar, ou seja, que está migrando para algum lugar. Tal ação é composta

pelos chamados esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987) que envolvem nossas experiências sensorio-motoras. O fato de ir de um lugar ao outro aciona um padrão cognitivo que envolve o esquema ORIGEM/CAMINHO/META. No decorrer do fragmento, encontramos o retirante falar em “encontrar morte quem pensava encontrar vida”, ou seja, existe uma relação entre o CAMINHO percorrido pelo retirante e a META, que seria “encontrar vida”. Assim, acionamos uma metáfora VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META. Existem alguns atributos que envolvem os esquemas imagéticos e os domínios conceptuais. Nesse caso, alguns atributos que envolvem o esquema ORIGEM/CAMINHO/META são acionados. O enunciado “Desde que estou retirando”, focaliza o CAMINHO. O enunciado “só a morte encontrava quem pensava encontrar vida” focaliza a META, ou seja, a META é a VIDA. Mesmo não acionando o atributo ORIGEM, sabemos que ele existe, pois nos baseamos em nossas experiências corpóreas para essa compreensão. Além disso, esse esquema imagético envolve um TRAJETOR, que pode ser uma pessoa, um animal, um objeto, tempo etc.

Essa metáfora é chamada de metáfora primária (GRADY, 1997), uma vez que envolve a relação entre nossa experiência corpórea, ORIGEM/CAMINHO/META, e o domínio conceptual VIDA. Essa relação metafórica é reforçada no enunciado posterior “aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira”. Nesse fragmento, através das pistas linguísticas que acionamos via texto, a metáfora primária VIDA É ORIGEM/CAMINHO/META é reativada. O fato de o retirante associar a vida ao “homem que retira” mostra coerência com o início do fragmento, via metáfora primária. Além disso, no enunciado anterior, o retirante fala em “vida severina”, referindo-se a um modo de vida.

Como vimos em nossa análise (SANTOS, 2011), a “vida severina” passa a ser um modo de vida representativo dos sujeitos sertanejos, que é uma vida de muito sofrimento, por viverem na seca do sertão nordestino. Nesse momento, acionamos outra metáfora SUJEITO SERTANEJO (SEVERINO) É MODO DE VIDA. Essa metáfora é chamada de metáfora congruente (KÖVECSSES, 2005), pois ela surge da relação entre domínios conceptuais pertencentes a *frames* específicos, ou seja, construídos em culturas específicas, no caso SUJEITO SERTANEJO, representando as pessoas que vivem no sertão nordestino, e o MODO DE VIDA, comum a todos eles. Essa relação é constituída por duas metáforas primárias: a primeira, VIDA É LIGAÇÃO, nos permite, através do esquema imagético de LIGAÇÃO (LAKOFF, 1987) relacionar vida a um outro domínio, que, no caso, é o MODO DE VIDA; a segunda, VIDA É PARTE/TODO, uma vez que a “vida severina” representa todos os sujeitos que vivem no sertão, sendo, desse modo, construída uma relação através do esquema imagético PARTE/TODO (LAKOFF, 1987).

Outra relação que surge no BC envolve o domínio conceptual da MORTE. A MORTE, inicialmente, é compreendida através da metáfora primária MORTE É LIGAÇÃO, que nos permite inferir a metáfora congruente, MORTE É ENTIDADE, “só a morte vejo ativa”, “e às vezes até festiva”, “só a morte tem encontrado”. Assim, a imagem da morte personificada nos permite inferir a relação existente entre morte e a cultura.

Nesse sentido, podemos dizer que as metáforas são construídas, no mínimo, a partir de dois momentos: um primeiro, através das metáforas primárias, que nos permitem relacionar as experiências sensorio-motoras a domínios conceptuais e um segundo momento em que essas experiências primárias são relacionadas aos *frames*, ou seja, a cultura específica. Essa distinção, embora bastante salutar, é apenas didática. Essa relação entre metáforas primárias e congruentes é construída conjuntamente, a todo o momento, de acordo com nossas experiências.

Portanto, um fragmento discursivo pode ser composto por metáforas sem necessariamente que essas metáforas se atenham apenas ao nível de um enunciado. Elas podem compor determinado bloco do discurso. A esse fragmento constituído por meio das metáforas demos a nomeação de Bloco Construcional (SANTOS, 2011).

3. O Bloco Construcional como ferramenta analítica

O Bloco Construcional (BC) é alicerçado discursivamente. Nesse sentido, o discurso pode ser constituído por diversos BCs, sendo estes, por sua vez, constituídos por meio do pareamento entre forma e sentido, sendo o pólo da forma associado às relações internas (definidas em função da maneira pela qual as sentenças são organizadas como partes de uma peça de discurso em relação umas com as outras), e o pólo do sentido, associado às relações externas (definido em termos das relações pelas quais um discurso está imbricado aos contextos sociais e comunicativos) (DUQUE, COSTA, 2011). Baseados nisso, podemos dizer que um poema, como *Morte e Vida Severina*, é constituído por diversos BCs.

Essa relação que envolve forma/sentido foi analisada por nós através das metáforas. Sabemos existir uma tradição nos estudos da Linguística Cognitiva que analisa a metáfora por meio de sentenças. O BC, portanto, difere desse tipo de análise, uma vez que por meio dele analisamos o discurso. Mas, então, como se dá os limites do BC? O que faz com que ele se torne um todo significativo?

Quando produzimos discurso, criamos marcas coerentes que envolvem as experiências a serem relatadas e o modo como compreendemos essas questões por meio da relação entre forma/sentido. Sendo assim, um dos elementos que compõe o discurso é a metáfora, visto ser ela um fenômeno cognitivo, conceptual cultural e neural (KÖVECSSES, 2005; LAKOFF; JOHNSON, 1999). Essa formação metafórica do discurso constrói coerência no decorrer dos enunciados, uma vez que a percepção de que o discurso se amarra por meio de processamentos cognitivos subjacentes ao elemento linguístico comprova isso.

Na análise realizada anteriormente, pudemos evidenciar que o discurso do retirante é composto por metáforas que envolvem suas experiências corpóreas e culturais. O nosso foco sobre os conceitos de VIDA e de MORTE permitiu construir uma coerência cognitiva sobre tais conceitos, fazendo com que essa compreensão não se relacionasse apenas por um enunciado, mas pelo transcorrer do discurso. A delimitação do BC, portanto, é determinada pelos limites em que a metáfora é construída, uma vez que um discurso pode ser formulado sobre diversas metáforas.

Vejamos o exemplo a seguir:

Não consegui defender meu argumento. A banca conseguiu eliminar todas as minhas possibilidades de defesa. Mas, mesmo assim, acho que um dia eu chego lá. Quero agora saber de você, se tem conseguido economizar seu tempo sem fazer besteira e estudar!

Nesse parágrafo podemos dizer que encontramos dois BCs. O primeiro começa a ser construído pela fala de uma pessoa que diz não conseguir defender o próprio argumento contra uma banca que, provavelmente, está avaliando-o. Existe uma metáfora primária subjacente que pode ser inferida por meio das pistas linguísticas, DISCUSSÃO É ORIGEM/CAMINHO/META. A discussão passa a ter um objetivo específico, entendido aqui como a META que, no caso, é vencer alguém em uma discussão. Isso é reforçado no enunciado “acho que um dia eu chego lá”, ou seja, o “lá” refere-se à vitória – META. Essa metáfora primária se encontra inserida em um contexto específico, no caso, de uma discussão. A metáfora congruente, portanto, é

acionada, DISCUSSÃO É GUERRA, analisada à exaustão, principalmente, por Lakoff e Johnson (1980 [2002]).

Porém, na sequência do parágrafo, encontramos o enunciado “tem conseguido economizar seu tempo sem fazer besteira e estudar”. Nesse momento, encontramos outra metáfora primária, TEMPO É LIGAÇÃO, que nos permite, por meio do esquema imagético básico de LIGAÇÃO, relacionar um domínio conceptual a outro, por meio de atributos que podem ser inter-relacionados. Em linhas gerais, de acordo com resultados de pesquisa que realizamos (SANTOS, 2011), o esquema LIGAÇÃO parece estar presente sempre que relacionamos um domínio conceptual a outro e, provavelmente, ele também esteja presente na relação que fazemos entre um esquema imagético e um domínio. Ou seja, de acordo com nossos resultados, fica perceptível a relação entre o esquema LIGAÇÃO e os domínios conceptuais, como no caso do enunciado acima, que evoca a metáfora congruente TEMPO É DINHEIRO, também analisada por Lakoff e Johnson (1980 [2002]), em que entendemos o tempo como algo valioso, como dinheiro, o que nos permite realizar a analogia de “economizar dinheiro”. Dito de outra maneira, o que parece ser merecedor de uma análise mais profunda é o fato de que o esquema LIGAÇÃO, talvez, seja o esquema mais básico dentre os esquemas. Pretendemos, em estudos posteriores, observar melhor a metáfora sob esse aspecto.

No fragmento do enunciado, encontramos “economizar dinheiro”. A partir dele evocamos as metáforas TEMPO É LIGAÇÃO/TEMPO É DINHEIRO. Porém, na sequência do enunciado, inferimos a metáfora primária ESTUDAR É ORIGEM/CAMINHO/META, uma vez que o objetivo a ser alcançado é “estudar”, ou seja, ESTUDAR é a META e “fazer besteira” está relacionado a possíveis desvios desse CAMINHO. Ou seja, os atributos CAMINHO, por meio de “fazer besteira”, e META, “estudar”, são realçados no enunciado.

Portanto, podemos dizer que o parágrafo anterior é constituído por dois BCs. No primeiro, a metáfora congruente DISCUSSÃO É GUERRA tem predominância e no segundo, TEMPO É DINHEIRO. As metáforas primárias relacionadas a essas metáforas congruentes nos BCs dão o suporte corpóreo para a compreensão, criando uma coerência metafórica baseada em nossas experiências sensorio-motoras e em nossas experiências com a cultura. O BC, desse modo, constitui-se por meio de redes de integração resultantes dessa relação metafórica. Essa integração cria um todo coerente, que pode, portanto, abarcar determinado fragmento do discurso. Nesse sentido, podemos dizer que um discurso pode ser constituído por diversos BCs.

Grady, Oakley e Coulson (1999, p.426) usam um interessante exemplo para falar sobre as redes de integrações através da metáfora NAVIO É ESTADO, nos EUA: “Com Trent Lott como líder da maioria no Senado, e Gingrich no comando da casa, a lista para a direita poderia desestabilizar todo o navio de Estado”. Tanto Lott quanto Gingrich são senadores norte-americanos e a relação que existe entre o estado e um navio faz com que essa metáfora seja entendida. Porém, como mostrado pelos autores, essa metáfora é composta por diversas outras, fruto de uma rede de integrações que são associadas por nós para essa compreensão:

Nação – Navio

- Políticas nacionais/ações – Curso do navio.
- Determinação da política nacional/ações – Modo de controlar o navio.
- Sucesso nacional/melhoria – Movimento do navio à frente.
- Fracasso nacional/problemas – Naufrágio/problemas no navio.
- Circunstâncias que afetam a nação – Condições do oceano.

Mapeamentos

- Ação é movimento de impulsão
- Cursos de ação são caminhos
- Tempo é movimento
- Relação social é proximidade física
- Circunstâncias são condições do tempo
- Os estados são localizações

Ou seja, quando associadas ao discurso, as metáforas são construídas por uma complexa rede de integrações conceituais. Essa rede de integrações é compreendida uma vez que acionamos os domínios cognitivos que nos permitem fazer relação entre a coerência discursiva e a construção metafórica que vai sendo arquitetada. Nesse caso, o exemplo acima constitui um todo se considerarmos ele como um BC. Nesse exemplo, existem diversas metáforas primárias analisadas, baseadas em Lakoff e Johnson (1999) e Narayanan (1997), que vão além das metáforas primárias baseadas em esquemas imagéticos de Lakoff (1987). Essas metáforas primárias envolvem noções como tempo, localização, proximidade etc. Seria outra possibilidade de análise das metáforas primárias, considerando a relação entre esquemas imagéticos de (LAKOFF, 1987) e as experiências sensoriais que envolvem a teoria neural da metáfora (NARAYANAN, 1997).

Alguns estudos que estamos propondo, inclusive, como continuidade de nossa dissertação de mestrado, envolvem a análise dos processos cognitivos de compreensão de texto que acionamos no momento da leitura. Esses estudos buscam criar uma coerência entre construções metafóricas e Modelos Situacionais (GRAESSER, MILLIS, ZWAAN, 1997; KINSTCH, 1988; SANFORT, GARROT, 1981; DUQUE, 2011).

Em linhas gerais, a hipótese que levantamos parte do princípio de que a construção de sentido em um texto deriva de simulações sensório-perceptuais e motoras (BARSALOU, 1999) que realizamos na medida em que vamos construindo coerência via modelos de situação, ou seja, adotamos, por exemplo, em uma narrativa, a perspectiva da personagem em foco, considerando, inclusive, seus traços psicológicos, e vamos simulando as ações descritas, baseados nas limitações corpóreas e contextuais possíveis. Isso significa que os esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987) são determinantes para a compreensão. A noção de contexto, *frame*, associada aos esquemas nos parece ser decisiva para o modo como construímos sentido. Desse modo, as metáforas seriam um elemento constituinte da narrativa, atreladas aos modelos de situação. O foco para a análise de BCs recai, portanto, em dois conceitos: construções metafóricas e Modelos Situacionais.

Conclusões

Pretendemos ter deixado clara a proposta de Bloco Construcional como uma ferramenta analítica para os estudos cognitivos. Nossas pesquisas puderam constatar a metáfora como um processamento cognitivo que compõe o discurso em determinadas partes. Essa delimitação é constituída pelas metáforas primárias e metáforas congruentes construídas por meio da associação entre esquemas e *frames*, que envolvem nossas experiências sensório-motoras e perceptuais em contextos específicos.

Considerando essa perspectiva, entendemos que para um estudo de compreensão de texto, é fundamental compreendermos a metáfora e o modo como o

processamento metafórico é construído. Para isso, associarmos as construções metafóricas a Modelos Situacionais nos parece ser uma grande possibilidade de evidenciarmos a compreensão. Quando nos comunicamos, seja por meio de discurso escrito ou falado, acionamos processos de simulação mental que envolvem experiências corpóreas. Os esquemas imagéticos são acionados conjuntamente com os *frames*.

O fato de compreendermos que a personagem de uma narrativa é capaz de realizar determinadas ações se concretiza graças a nossa capacidade de simular tais eventos. Nesses termos, a construção metafórica também deve ser condizente com essas simulações, uma vez que a metáfora é fruto desse constructo, que envolve linguagem, cultura e cognição.

Referências

BARSALOU, L. Language comprehension: Archival memory or preparation for situated action. *Discourse Processes*, 28, 61–80, 1999.

DUQUE, P. H. & COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2011.

DUQUE, P. H. *O Padrão Discursivo “Conto fantástico” : uma análise construcional dos contos de Machado de Assis*. Anais do V ECLAE, 2011.

GIBBS, R. W. *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge University Press, 2005.

GRADY, J. E; OAKLEY, T; SOULSON, S. Blending and Metaphor. In: STEEN, G; GIBBS, R. W. Jr. (Ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Philadelphia: John Benjamins, 1999. p. 101-124.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. Tese PhD. University of California at Berkley, Department of Linguistics, Berkley, 1997.

GRAESSER, A.C., MILLIS, K.K., ZWAAN, R.A. Discourse comprehension. *Annual Review of Psychology*, 48, 163-189, 1997.

KINTSCH, W. *Comprehension: A paradigm for cognition*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1988.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. & JOHNSON, 1980. *Metaphors we live by*. University of Chicago Press, 1980.

_____. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. de tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & TURNER, M. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. University of Chicago Press, 1989.

MacWHINNEY, B. Models of the Emergence of Language. *Annual Review of Psychology*, 149, 199—227, 1998.

NARAYANAN, S. *Embodiment in Language Understanding: Sensory-Motor Representations for Metaphoric Reasoning About Event Descriptions*. PhD Dissertation, Department of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.

MELO NETO, J. C. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

SANFORD, A.J. e GARROT, S.C. *Understanding Written Language: explorations in comprehension beyond the sentence*. New York: Wiley, 1981

SANTOS, R. Y. *Construções metafóricas de vida e morte: cognição, cultura e linguagem*. Dissertação de mestrado. UFRN, 2011.

SANTOS, R. Y. *Metáforas primárias e metáforas congruentes: integrações cognitivo-culturais*. Anais da XIX Semana de Humanidades, 2011.

ZWAAN, R. A. Five dimensions of narrative comprehension: The event-indexing model. In. S. R. Goldman, A. C. Graesser, & P. van den Broek (Eds.), *Narrative comprehension, causality and coherence: Essays in honor of Tom Trabasso*. Mahwah, NJ: Erlbaum, 93-110, 1999.